Thomas Rothschild. ***CHANTAGEADO OU SUBORNADO? Tendências do jornalismo na atualidade***. In: medium, out-dez 1987, ano 17.Trad. Ciro Marcondes Filho

Ao se avaliar a atuação do jornalismo, não se deve deixar de lado o fato de que os incapazes assumem cada vez mais posições de chefia e a capacidade geralmente é prejudicial à ascensão profissional. Uma coisa tem a ver com a outra. Os incapazes temem a concorrência dos capazes e usam-se, por isso, de sua influência para impedir a ascensão destes, e, se possível, até seu ingresso na empresa. O círculo vicioso se fecha. A perda de qualidade ocasionada pela cumplicidade e pela pressão à acomodação foi, nos últimos tempos, tão clara - pelo menos no que diz respeito ao rádio - que os defensores do status quo só conseguem ainda se esconder no cinismo.

Mas é preciso ainda mais um esclarecimento: não estou falando aqui dos jornalistas que trabalham em assessorias de imprensa de partidos, em organizações sociais ou em empresas privadas. As possibilidades destes são, de qualquer forma, determinadas pela posição de seus patrões. Eles são seus porta-vozes e, nestas posições, manifestar uma opinião própria é até prejudicial [1]. Eu estou falando dos jornalistas da imprensa escrita e do rádio. Aliás, nas emissoras de rádio monopolistas são adotados critérios mais rigorosos do que nos meios impressos. O status do direito público* obriga a uma diversidade de opinião muito maior, a uma tolerância muito mais generosa em relação às opiniões de minorias e, acima de tudo, a uma disposição de admitir publicamente a autocrítica, que tem a função de controle democrático.

Além disso, gostaria de me opor também à opinião amplamente difundida, de que a imprensa privada abrange, através da multiplicidade de seus produtos, a totalidade do espectro de opiniões da nossa sociedade. Essas coisas ressaltam claramente no consenso político de um país em que o Frankfurter Rundschau* é tido como de esquerda, simplesmente porque está próximo aos sindicatos e é liberal. Acostumamo-nos injustificadamente à crença, em total desconhecimento das alternativas políticas que existem em nível institucional, de que a composição do Parlamento corresponde em qualidade e quantidade às possibilidades de posicionamento político. Assim, a senhora Renger é tida como de esquerda, uma avaliação que iria fazer morrer de rir a maioria dos europeus ocidentais. Mais ainda, nosso quadro jornalístico não representa sequer a composição do Parlamento. A social democracia é incapaz de manter um jornal diário supra-regional e a lastimável política em torno do jornal Vorwärts é bastante conhecida. Com exceção do jornal taz, incapaz de concorrer com as grandes tiragens, a imprensa alemã representa o capitalismo, o status quo ocidental, ou seja, aquele setor do espectro político que vai do centro à direita. Mais dramática é a constatação, quando se considera a tiragem. Em geral não é lembrado que a tiragem de um jornal Bild é cerca de quatro vezes maior do que a de todos os outros jornais supra-regionais diários juntos e mais do que dez vezes maior do que o jornal colocado em segundo lugar, o Express, de Colônia. Os órgãos liberais Süddeutsche Zeitung e Frankfurter Rundschau têm juntos uma tiragem que mais ou menos se equipara à que atingem o Frankfurter Allgemeine Zeitung e o Die Welt, mas, à esquerda deles, não há quase mais nada, à direita, entretanto, uma grande quantidade[2].

Para os jornalistas, surge como conseqüência o fato de que, visto da perspectiva jurídica, nada há de errado no fato de eles terem que respeitar os jornais para o qual trabalham. Visto do lado político, porém, isto significa que lhes é vedado atuar pela transformação, mas apenas pela manutenção da atual situação. A afirmação de que isso tudo se relativiza através da variedade de produtos impressos é, como já dito, pura ideologia e não corresponde à realidade da Alemanha. Para os jornalistas, a situação descrita significa que eles são freqüentemente escostados na parede, encontram dificuldades, perdem contratos quando se usam das capacidades que já não são mais solicitadas. De fato, é cada vez mais comum encontrar-se jovens jornalistas que garantem que não têm nenhum problema com seus chefes, que estes podem fazer e mandar fazer como bem o desejam. Isto vem, entretanto, do fato de eles já pensarem a priori com o próprio sistema, e de eles, de forma acomodada, se oferecerem e com antecipada obediência às aspirações dos que detêm o poder.

Minha suspeita é que apenas nos casos mais notórios de conflitos e censuras há a impressão de resistência contra uma cultura cada vez mais corrompida nos meios de comunicação. Tem nascido um tipo de jornalista aspirante à carreira e cínico, sem nenhuma exigência político-

social a mudanças, sequer a um jornalismo democrático, ao controle do poder, como era norma ainda há 15 anos. O tipo desembaraçado, elegante, americanizado, que antigamente só se supunha existir no jornal Bild, aumentou nesse meio tempo em toda parte. Pelo fato de ele não ter nenhum ideal, tampouco pode estimular algum.

"Cabeças censuradas" é o termo e todos sabem o que significa. Entretanto, a consciência desse fato ainda não levou à superação desse tipo de cabeça. Mais ainda, o poder de racionalização secundária é tão forte que quase todos supõem a censura somente na cabeça dos outros e rigorosamente não querem saber que eles próprios poderiam ser vítimas disso.

Certamente, a pressão de fora tornou-se mais forte e o desemprego colabora com o disciplinamento daqueles que têm trabalho. Contudo, não se deve esquecer que existe algo chamado coragem civil. Quando se condena os jornalistas que tiveram que se alinhar durante o nacional-socialismo*, deve-se considerar hoje como uma pressão tão pequena já basta para levá-los a concessões, a que eles alguns meses antes teriam indignadamente se negado. É impressionante como os trabalhadores das emissoras de rádio de comportam de forma covarde, mesmo aqueles que não são passíveis de demissão mas que, de alguma forma, acreditam arriscar sua ascensão. Também nos casos em que a continuidade do emprego de fato está em jogo é de se questionar até que ponto deve-se estar disposto a fazer concessões. A desculpa de que se tem que viver de alguma coisa não pode ser eternamente usada para todos os tipos de falta de escrúpulos. Ninguém é obrigado a viver a qualquer preço como jornalista. Não é mais desonroso ganhar o pão como motorista de táxi do que colaborando com a estupidificação, a mentira e a desinformação[3]. É impressionante como os jornalistas se portam como se estivessem sendo chantageados quando, na verdade, estão sendo é subornados. Aquele que, em vez de dizer não a uma oferta corruptora, envolve-se com mesquinharias para negociar privilégios que outros não têm - por exemplo, numerosos jornalistas desempregados e também potencialmente desempregados - não é, de fato, nenhum chantageado mas um corrompido e não merece nossa simpatia senão nosso desprezo. Deve-se ser, mesmo, bem duro em situações como esta, em que cada vez mais a falta de coragem civil é sentimentalmente encoberta pelos privilegiados, que se apresentam como vítimas embora sejam colaboradores daqueles que nisso atuam.

Lembremo-nos daquilo que ainda há pouco fazia parte da concepção de jornalismo progressista, não-corrompido: escrupulosa pesquisa, preocupação ampla com as circunstâncias e os processos em relação aos quais o fato deve ser relatado, descoberta de problemas sociais, tomada de partido dos mais fracos e desprivilegiados, construção de uma opinião pública democrática e batalha para a criação de uma situação em que todos tenham a mesma chance e façam uso das instituições da democracia. Em outras palavras, em oposição aos informes pala-cianos, um jornalismo progressista entende-se como advogado daqueles que não são participantes do poder e que, ao contrário, estão sujeitos a ele. Isso vale para a política, mas cai cada vez mais no esquecimento diante de interesses econômicos determinados.

O éthos jornalístico, que se opõe à apropriação por meio de interesses da industria, torna-se cada vez mais raro. Seja na ciência, no rádio ou na imprensa escrita, as pessoas não vêem nada de errado em colocar a vendagem como o critério de qualidade. Os Oscars, só para dar um exemplo, passam a ser, e com seriedade, argumentos da crítica cinematográfica. Medidos por eles, os serviços dessa indústria são satisfatoriamente honestos: na sua lista dos primeiros lugares, é a quantidade de espectadores que define as posições[4]. Solicitados são os animadores, os anfitriões jornalistas e não o que opera com a razão, aquele que capacita os leitores a perceber seus interesses reais diante do superpoder da publicidade ou dos valores impostos, do pensamento concorrencial e do comportamento que se impõe.

Observe-se, por exemplo, a frase seguinte, proferida pelo seu autor a outra pessoa, como uma espécie de elogio: "Como antigo jornalista da imprensa sensacionalista, ele sempre foi um prático, distante das teorias, um sujeito capaz de arregaçar as mangas". A frase vem de Horst Lietzberg, redator do medium telegramm, o boletim que luta pela rádio comercial, editado pelo amigo de Franz Josef Strauss*, Hans R. Beierlein e se refere a Rainer M. Cabanis, cuja carreira profissional foi do Berliner Morgenpost, passando pelo Bild através da Rádio Luxemburgo, a Europawelle Saar e a rádio de direito público Südwestfunk, chegando à emissora comercial

Radio Hamburg. [5] Cabanis é apenas um dos intercambiáveis yuppies dos meios de comunicação. Rudi Klausnitzer, originalmente na ORF e agora na SAT1 e também na Radio Hamburg, é outro deste tipo, que como o oportunista Titus Feuerfuchs, diz de si mesmo o seguinte: "Qualifico-me para qualquer coisa". Enquanto isso, Klausnitzer deixa escapar no medien telegramm o seguinte comentário:"no momento, certamente não são as instituições de direito público mas, ao contrário, emissoras privadas que precisam de defesa e de garantias para seu funcionamento".

Foram exatamente os préstimos de Beierlein que escolheram Willibald Hilf como diretor da SWF para desabar sobre Franz Alt e seu Report. Trata-se de coalizões estranhas que surgem aí. Que jornalista ainda defende, de fato, o sistema de direito público na comunicação? Quem está ainda interessado em sua manutenção?
Certamente, não é mais possível, na prática, fazer alguém compreender porque vale a pena colocar-se ao lado deste tipo de rádio. A palavra, o instrumento verdadeiro e primeiro do jornalista, tem desaparecido, em dimensões progressivas, também nos programas de rádio de direito público e cada vez mais os programadores musicais substituem seus colegas da redação jornalística. A capacidade de escrever textos de mais de três minutos, a saber, com cerca de lauda e meia, espaço dois, é hoje, em muitos ramos do rádio, praticamente um luxo [6]. Exige-se fôlego curto, sensação, fatos bombásticos, nem análise nem apresentação didática (isto é, que capacite os receptores a uma participação mais fortalecida em decisões democráticas). O recentemente falecido diretor de programas da SDR, Roderich Klett [7], disse, em 1986, num encontro de publicidade, a quem quisesse ouvir: "É nos programas de massa que ocorre a concorrência e não nas freqüências recheadas de 'caixinhas de jóias'; por isso, armamo-nos pesadamente também onde não são oferecidas alegrias e notícias, dicas e piadas, informação e entretenimento". Quem irá sair, diante de tais palavras, em defesa das instituições de direito público contra a concorrência privada?

Isto se torna absolutamente impossível já que os homens do poder aparecem nas emissoras de rádio como sendo os melhores, os defensores dos não-sobrepujáveis interesses industriais. Deve-se mesmo acreditar em Willibald Hilf, quando diz que não é preciso nenhuma intervenção de Munique para que ele substitua Wolfgang Moser, adverta Franz Alt e proiba investigações e contribuições a respeito das possíveis conseqüências da catástrofe de Tchernobyl a um colaborador do jornal Report suas. A obediência antecipada torna as inves-tigações dispensáveis. E o lobby funciona. A censura segue a censura da notícia sobre a censura (de Klaus Bednarz referindo-se a Monitor, desviado de seu caminho). O fato de que Bednarz ainda tenha filmado sua notícia e tenha podido exibi-la na televisão numa data posterior mostra que com firmeza, persistência e insubornabilidade pode-se, ocasionalmente, conseguir algo, mesmo contra todo o sistema. A maioria certamente desiste, antes mesmo de ter gastado todas as possibilidades. A disposição para o conflito pertence às virtudes que os jornalistas estão desaprendendo.

Será que isto tudo é porque os reacionários nas emissoras tenham se tornado, de repente, muito furiosos? Teme-se que a coragem civil de alguns jornalistas, que se tornaram raros, como Alt e Bednarz, leve somente à detonação daquilo que mais à frente já estará impedido. A maioria dos seus colegas desiste, por si próprios, de temas polêmicos, racionaliza diante de si e dos outros a própria pusilaminidade, antes mesmo que ela seja bloqueada por cima.

É necessário solidariedade com os poucos corajosos. Solidariedade também com Gisela Marx. Sua colega, Elke Heidenreich, certamente não-conservadora, excluiu-a de um talk-show e poupou com isso de seus superiores - homens absolutamente conservadores (por estupidez ou egoismo) - o trabalho sujo. O elogio do medien telegramm de Beierlein lhe foi também certo. Igualmente, o apoio publicamente expresso de outro amigo de Strauss, Wienerwald-Jalm. Elke Heidenreich cumprimentou, por seu lado, este extrema-direita declarado, especialmente diante do público de seu show moderado,então sem Marx e seu povo (a ela solidário). Por fim, sem mais nenhuma concorrência, ela pôde dar vazão às suas bobagens sozinha, interromper continuamente, como de hábito, seus interlocutores e ficar falando, mais uma vez, apenas de si mesma.Eu não sou membro do SPD, tampouco seu cabo eleitoral. Minha solidariedade, contudo, está com a colega denunciada e não com essa figura pequena da ARD, que aliás deixou claro, que o comportamento oportunista não é específico de determinado sexo [8].

Quando se fala especificamente de solidariedade, aparece, no caso de Franz Alt, algo digno de nota: com um enorme engajamento e com razão, a esquerda colocou-se a favor de um homem da CDU que sofreu injustiça de outro, também da CDU. Há bons motivos para a suposição de que uma pessoa de esquerda numa situação como esta teria muito menos solidariedade e, com maior razão, em relação a pessoas da CDU. Não é grotesco que a solidariedade e a resistência contra o arbítrio do poder pareçam pertencer somente ao domínio da esquerda e que colegas da CDU também façam uso dela com prazer, pois tal coisa não poderiam esperar dos amigos do próprio partido?[9] A lição disso é que, se o sujeito é crítico, então, na melhor das hipóteses, dentro da CDU e com a apelação ao Sermão da Montanha. Isso reduz enormemente o risco.

Quando se trata de comentar a situação atual do jornalismo, deve-se citar também alguns temas. O fato de alguns deles serem tabu em grande parte dos meios de comunicação não é nada de novo. As concepções de valores sociais gerais sempre marcaram e determinaram também os jornalistas. Em períodos de pressão pública maior, a censura não declarada (e, portanto, também negada por muitos defensores liberais do sistema) atua por tempo mais longo do que em períodos comparativamente tolerantes. Mas, excetuando-se as alterações na esfera social geral desde a chamada "virada"*, também a progressiva luta concorrencial no meios de comunicação é o que reforça os defensores de uma linha dura na sua posição e no seu poder. O caso Moser deixou claro o quanto é difícil, mesmo depois de Tchernobyl, colocar-se contra os interesses do lobby atômico. Dentro da mesma lógica da reportagem, com Gerd Monheims, nesse meio tempo agraciado com o prêmio Grimme ("Pro-curada...uma causa mortis"), a gente deve se espantar com o descaramento da indústria e a Administração Federal da Saúde que colocam vidas humanas em risco, mais ainda, a gente deve se espantar pelo fato de que programas como este chamem a atenção imediatamente e por isso são também premiados em vez de serem a regra: a Hoechst não é nenhum caso isolado. Será que as pessoas de fato se esqueceram que a radicalidade crítica, que traz continuamente problemas para Monitor, faz parte da autoconcepção de um magazine político da ARD há duas décadas e dela não se abre mão? Onde poderiam os jornalistas ainda refletir publicamente sobre a questão se, na Alemanha, a OTAN está necessariamente dentro do nosso interesse ou se a economia mundial de mercado será sempre, em toda parte, a melhor alternativa possível? Não há outra instituição tão carregada de tabus como a Igreja. A crítica a ela quase não existe ou, quando ocorre, é sempre muito cuidadosa. Em geral, religião e Igreja são vistas como uma coisa só. E nada parece tão carente de defesa como os sentimentos religiosos. O fato de que até mesmo ateus poderiam ter sentimentos que deveriam ser defendidos não é mencionado. Não se deve ofender as crenças mas pode-se ofender a razão. [10] Carregada de tabu está também a questão do direito ao suicídio e a discussão se já algum sentido pôr filhos no mundo.

Os jornalistas, porém, que não se colocam tais questões, que não instigam debates desse tipo e continuam traba-lhando são apenas caricaturas de uma categoria profissional. Jornalismo e tabu não andam juntos. Aqueles que se con-sideram, como a maioria dos profissionais de rádio e muitos da imprensa escrita, apenas porta-vozes da economia ou da razão de Estado - e isto significa concre-tamente: razão daqueles que aqui e agora possuem o poder de Estado - já perderam sua integridade jornalística. [11]

Cada vez menos as coisas dependem do fato de uma data, um nome, uma relação, mesmo uma gramática ou uma pronúncia estarem corretos. As declara-ções falsas, manifestadas com ênfase segura, se acumulam."Ïsso se despacha": assim diz a locucão cínica, com a qual as coisas são comentadas no rádio. Não deve ser negado o fato de que para todas as observações aqui citadas haja exemplos opostos. Tampouco que mesmo no rádio haja nichos e programas cuja agressi-vidade certamente não deve ser ignorada e que aumenta porque atrás deles estão maciços interesses. É certo que ela não se impôs em toda parte. Contudo, já não é de se negar que leva a resultados irrever-síveis.

Há pouco motivo para otimismo. Não obstante, apesar de toda a sedução à resignação, a esperança não deve ser totalmente abandonada, a esperança de uma sociedade e de um espectro mediático no qual o jornalismo possa novamente desempenhar aquilo que seria sua

função real mais significativa. Por si mesmo, cer-tamente, isso não irá aparecer.

Glossário

ARD: primeiro canal da televisão alemã, de difusão nacional
BR: Rádio Baviera
CDU: União Democrática Cristã, partido conservador direitista
epd: Serviço Evangélico de Imprensa
FAZ: Franfurter Allgemeine Zeitung, maior diário conservador
FDP: Partido Liberal, pró-direita
FR: Frankfurter Rundschau, grande jornal liberal
Hörfunk: Revista de TV de circulação nacional

SDR: Rádio Sul Alemão
SPD: Partido Social-Democrático, tendência centrista
Springer: maior cadeia de jornais da Alemanha
SZ: Süddeutsche Zeitung, grande jornal liberal do sul
SWF: Rádio Sudoeste Alemão
taz: Tageszeitung, tablóide berlinense de esquerda
Tempo: revista de rádio
Völkischer Beobachter: ppal. jornal de propaganda hitlerista
Vorwärts: diário dos conservadores comunistas alemães

NOTAS:

(1)Paralelamente, eu gostaria de expressar minha perplexidade ao perceber com que naturalidade e leviandade jovens jornalistas de ambos os sexos mudam-se de uma empresa para outra, fazem a divulgação de seu produto - material ou ideológico - e com que frivolidade propagam aquilo contra o qual ainda ontem se posiconavam, seja um preparado farmacêutico, cujo efeito é discutível, seja a música de uma indústria de discos, que é totalmente oposta àquela que o jornalista ouve em sua casa, seja o programa de uma estação de rádio comercial, que ainda há pouco o jornalista - seja como redator da ARD ou mesmo da epd - criticava, tudo isso segundo o cínico provérbio "o pão de quem eu como é a música de quem eu toco". Devo também confessar que tenho menos dificuldade em apresentar a um partido político uma assessora de imprensa sem partido do que em me acostumar com a idéia de que aquele que hoje está representando o SPD , e com isso também sua história diante do público externo, ainda ontem falava pelo FDP. (Sobre siglas e partidos políticos, V. glossário no final do texto. Nota do Tr.)
* Na Alemanha, nessa época (1987), as emissoras de rádio e TV não eram nem privadas nem estatais mas "de direito público", espécie de cooperativa, em cujo grêmio estavam representados todos os chamados "grupos relevantes" da sociedade. (Nota do Tr.)
* V. glossário de nomes e siglas no final do texto.

(2) Desde do Berliner BZ, com uma tiragem que está apenas 10% abaixo da tiragem do FAZ, até o Handelsblatt, sempre com tiragens acima de 120.000 exemplares. Nos domingos, o Bild am Sonntag, com uma tiragem de mais de dois milhões de exemplares, tem praticamente o monopólio.
* Regime do fascismo, sob Adolf Hitler (1933-1945), Nota do Tr.

(3) Fazendo-se uma comparação drástica, diríamos o seguinte: a questão se a pessoa deve trabalhar no Völkischer Beobachter e se ela deve contribuir efetivamente para o reforço de uma situação social injusta não se decide segundo o princípio mas segundo a dimensão das conseqüências que resultariam de uma resposta negativa ou positiva.

(4)Que argumentos ainda podem ter aqueles críticos que brigam por convites para cerimônias de concessão de títulos, que vão beber exatamente com os artistas que deverão criticar, que em coletivas de imprensa deixam-se instruir pelos poderosos sobre os quais deveriam escrever, em suma, que substituem a crítica analítica por sua auto-representação por meio de entrevistas. Eles correspondem àqueles jornalistas de rádio que há muito já se deixaram instrumentalizar como agentes de relações públicas da indústria do disco, são os puxa-sacos a serviço do lucro.
* Franz Josef Strauss, hoje falecido, conhecido líder da CSU (União Social Cristã), da Baviera,

da extrema direita alemã.

(5) Tal carreira diz alguma coisa sobre a adaptabilidade do arregaçar de mangas que lá se pratica. Ela diz algo também sobre as emissoras de direito público que entregam sua programação a jornalistas saídos da Cadeia Springer, que, por seu lado, não precisam de nenhuma teoria para rapidamente mudarem para uma emissora privada concorrente.

(6) Igualmente, a capacidade de apresentar fatos dentro de seus contextos, de tornar estruturas reconhecíveis e transparentes (e, por meio disto, se for possível, transformáveis) deve ser cada vez mais esquecida, nesse contexto de meios de comunicação no qual desde Hörfunk até Tempo o "megacinismo" golpeou e as pessoas capitularam diante do não-leitor e não-ouvinte.

(7) Radialista, cuja veneração o elevou a um dos mais importantes profissionais orientados à BBC (justamente!). Na realidade, ele aniquilou, na esteira da "bem-sucedida" (medida apenas por pontos de audiência) concepção de Cabanis da SWF, uma empresa de contínua influência e diversão, amplos espaços da programação da SDR.

(8) As vítimas assim como os colaboradoes da repressão nos meios de comunicação distribuem-se regularmente entre homens e mulheres e também as redatoras em altas posições não deixam infelizmente aflorar a suspeita de que a democracia no rádio poderia ser garantida só pelo pertencimento do responsável à metade feminina da humanidade. Em todos os casos pode-se exigir, no sentido de uma igualdade de direitos, que mulheres devam ter, como os homens, as mesmas chances de subir de posição, nas quais elas possam se fazer tributárias do sistema e da manutenção dos interesses dominantes.

(9) Para apoiar Franz Alt e seu programa apareceram listas de assinaturas com várias páginas. Não está na minha lembrança, entretanto, que ações semelhantes, com assinaturas de pessoas do CDU tenham existido enquanto Franca Magnani foi posta no gelo por Wolf Feller. Esta contribuição foi escrita no verão de 1987, antes que Feller e a BR desfechassem definitivamente o nocaute na senhora Magnani. Grande agitação de colegas, não obstante, parece não ter sido desencadeada nos mais recentes acontecimentos.
* "Wende", no original. É como os alemães denominam a reunificacão, com a dissolução do Estado socialista, N. do Tr.
(10) Quem defende de fato os homossexuais, os que se masturbam, as pessoas que têm relações sexuais fora do casamento - e seu número é maior do que o dos católicos praticantes - diante da difamação do Papa?
(11) Parece-me da mesma forma significativo assim como deprimente o fato de que um colega tenha questionado num workshop a existência desses tabus e trabalhe numa emissora que - antes que me fosse feita a proibição de chegar ao microfone - riscou-me uma frase, na qual expressei o temor de que os EUA poderiam invadir a Nicarágua, que me cancelou completamente outro programa no qual eu - em função de um disco que falava a respeito - demonstrei compreensão para pessoas que desejam determinar o momento exato de sua morte. A lista de casos de censura nesta e em outras redacões pode ser ampliada com diversas experiências próprias e de outros. O colega, entretanto, não quis tomar conhecimento de nada disso.